

O mundo do trabalho no cinema: abordagens possíveis na EJA

Mario Cezar Alves Ferreiraⁱ 

Secretaria de Estado da Educação (SEED), Londrina, PR, Brasil

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal discutir as possibilidades de uso do cinema na Educação de Jovens e Adultos (EJA) como meio de dar visibilidade às implicações do capitalismo global sobre o mundo trabalho. A pesquisa foi norteadada pela seguinte questão: como é possível abordar as relações de trabalho no modo de produção capitalista, partindo do filme como recurso pedagógico na EJA? O fulcro da pesquisa foi analisar como o mundo do trabalho está presente em produções sobre cinema e educação; apresentar, brevemente, alguns aspectos metodológicos a serem considerados, quando se tem a intenção de utilizar o cinema em sala de aula e, por fim, demonstrar algumas possibilidades do uso de filmes para abordar o mundo do trabalho na EJA a partir das produções *Peões* (2004) e *Diário de uma Babá* (2007).

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Mundo do Trabalho. Cinema.

The world of work in the movies: possible approaches in the YAE

Abstract

The main purpose of this paper is to discuss the possibilities of using movies in the Youth and Adult Education (YAE) as means of giving visibility to the implications of the global capitalism on the world of work. The research was conducted based on the following question: how is it possible to approach the labor relations under capitalist mode of production, starting from the movies as a pedagogical resource in the YAE? The core of the research was to analyze how the world of work is present in productions about movies and education; briefly introduce some methodological aspects to be considered when one intends to use movies in the classroom and, finally, demonstrate some possibilities of using movies to approach the world of work in the YAE as from the movies *Peões* (2004) and *The Nanny Diaries* (2007).

Keywords: Youth and Adult Education. World of Work. Film.

1 Introdução

Este artigo foi elaborado a partir dos resultados de uma monografia concluída em 2018 como trabalho de conclusão de curso da Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA) ofertado pelo Departamento de Educação da

Universidade Estadual de Londrina (UEL). Durante a especialização, pensamos em possibilidades de utilizar a arte cinematográfica como recurso pedagógico para propiciar reflexões sobre o mundo do trabalho.

2 A escolha desta temática levou em consideração o perfil do público atendido pela EJA nas escolas onde fizemos o estágio. O período de estágio permitiu-nos a aproximação com a realidade da EJA, pois, embora na maioria fôssemos professores, boa parte nunca havia atuado nessa modalidade de ensino. Ao verificarmos a existência *in loco* de um público de trabalhadores na escola, julgamos necessário pensar na elaboração de práticas educativas que pudessem propiciar àqueles estudantes a visibilidade sobre as contradições da sociedade capitalista a partir da valorização de suas próprias vivências enquanto indivíduos pertencentes à classe trabalhadora. Devemos mencionar que o prazo apertado para a entrega da monografia exigiu que nos ativéssemos apenas à análise dos filmes, obrigando-nos a deixar os resultados obtidos para aplicar na sala de aula em um outro momento.

Nesse sentido, nosso intuito aqui é oferecer ao estudante trabalhador a possibilidade de estabelecer conexões entre os conhecimentos formais ofertados pela escolarização e aquilo que ele aprende empiricamente, de modo que ele possa aprofundar seu conhecimento sobre o mundo social e ser, por consequência, instrumentalizado para intervir nele.

Buscamos, assim, o cumprimento às determinações da Lei 13.006, de 2014, que formaliza o uso do cinema na escola, tornando obrigatória a inclusão de filmes nacionais nos currículos das escolas públicas brasileiras. A referida lei é não apenas uma estratégia para a ampliação do repertório cultural dos estudantes, mas também um estímulo à criatividade e uma contribuição à aprendizagem dos conteúdos das diversas disciplinas do currículo nacional.

Cabe destacar que, apesar dos avanços sobre o tratamento do cinema enquanto fonte de estudo para as áreas das ciências humanas no âmbito acadêmico, pesquisas como as de Alves (2001) e de Preto (2007) demonstram que, ainda no Ensino Básico, os professores, apesar de reconhecerem a importância do uso de filmes nas aulas, limitam-se a utilizá-los como complemento do conteúdo abordado ou para tornar as aulas mais dinâmicas e interessantes. Nesse sentido, o

filme funcionaria também como elemento motivacional. De acordo com os resultados da pesquisa, os professores acreditam que tanto os filmes como os programas televisivos podem ser usados para ilustrar conceitos e ideias, comprovando o que foi explicado na aula pelo professor.

Desse modo, foram elaborados os seguintes questionamentos: seria o filme um recurso em potencial para que os estudantes da EJA aprendam a refletir criticamente sobre o mundo do trabalho, estabelecendo conexão entre o modo como está estruturado o capitalismo e as suas vivências enquanto sujeitos trabalhadores? Como utilizar o recurso fílmico adequadamente, a fim de que os estudantes aprendam efetivamente os conceitos abordados?

Com base no problema assim elaborado, estabelecemos por objetivo geral deste estudo discutir as possibilidades de uso das produções cinematográficas como meio de dar visibilidade às implicações do capitalismo nas relações de trabalho e, portanto, na vida individual e coletiva dos sujeitos da classe trabalhadora. Para tanto, propusemos os seguintes objetivos específicos: a) analisar como o mundo do trabalho está presente nas produções sobre cinema e educação; b) contribuir para a ampliação do debate sobre cinema e ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Ao final, buscaremos demonstrar algumas possibilidades da utilização de filmes para abordar o mundo do trabalho na EJA a partir das produções *Peões* (2004) e *Diário de uma Babá* (2007).

2 Metodologia

Na presente pesquisa, foi utilizada a metodologia de análise fílmica proposta por Alves (2010, p. 60-62), na qual são desenvolvidos os métodos para a reflexão crítica sobre a sociedade burguesa e o mundo do trabalho a partir de filmes utilizados como pretextos para a discussão de temas relevantes para a classe trabalhadora. Nesse sentido, o emprego da arte cinematográfica enquanto recurso pedagógico é justificado por Alves devido ao seu potencial de conduzir os sujeitos da classe trabalhadora a uma experiência crítica, para além daquela presente na

própria estrutura do filme e nas intenções de seus realizadores, propiciando, desse modo, a efetivação de respostas positivas ao caos implementado pelo modo de produção capitalista. Assim, tem-se a seguir os passos da metodologia proposta:

- a) Levantamento de informações básicas sobre os filmes a serem projetados, tais como: diretor, gênero, ano de produção, nacionalidade, traços estéticos e o contexto histórico em que foram realizados;
- b) Primeira análise dos filmes visando reconhecer as obras, a fim de que sejam preparadas para uma análise crítica;
- c) Identificação da estrutura ideológica dos filmes e de como o sujeito-receptor se reconhece no filme enquanto individualidade de classe;
- d) Segunda análise dos filmes, a fim de identificar neles os eixos temáticos sugeridos e as cenas-chave de conteúdo crítico.

4

3 Resultados e Discussões

Alves (2010, p. 18) observa, com base em uma matriz histórico-dialética, a capacidade da arte cinematográfica de revelar em si e para si, “numa perspectiva antropomorfizada, a totalidade concreta do mundo sócio existencial”. Essa característica confere ao filme a condição de ser um pretexto pois ele apresenta, em sua natureza, potencial para conduzir o espectador a uma experiência crítica, para além daquela presente na estrutura do filme e nas intenções de seus realizadores.

Por esta perspectiva, Alves (2010) atribuí ao cinema a qualidade de ser um eficiente recurso pedagógico, pois, se bem utilizado, pode proporcionar aos sujeitos da classe trabalhadora a reflexão sobre as suas condições individuais e coletivas e sobre o mundo social ao seu redor, capacitando-os para ações de classe com o objetivo de intervenção histórica. Quando é tratado dessa forma em sala de aula, o cinema deixa de ser apenas instrumento de educação das massas, voltado para o reforço e legitimação da classe burguesa, para se tornar ferramenta de visualização dos mecanismos de dominação ideológica, possibilitando à classe trabalhadora a construção de uma nova consciência. Nesse sentido, apresentaremos algumas possibilidades de utilização do filme como recurso pedagógico, para tratar de temas

referentes ao mundo do trabalho. Abordaremos, como exemplos, os filmes *Peões* (2004) e *Diário de uma Babá* (2007).

Em *Peões* (2004), documentário dirigido por Eduardo Coutinho, é contada a história de alguns trabalhadores da indústria metalúrgica que participaram das greves dos anos de 1978 e 1980, no ABC paulista – sob a liderança do então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Luís Inácio Lula da Silva –, mas que permaneceram anônimos. Coutinho (2004) dá voz a homens e mulheres que falam de suas origens, das recompensas e dos sofrimentos relacionados ao trabalho nas fábricas. Falam das implicações da militância no círculo familiar e sobre a trajetória do ex-líder sindical Luís Inácio Lula da Silva. Para esse filme, o professor pode discutir temas como ditadura, arrocho salarial, fordismo, greves e sindicalismo, por exemplo.

A prática pedagógica pode contemplar, por exemplo, um roteiro de análise que coloque em evidência os motivos das greves, expressos pelos depoentes: o arrocho salarial promovido pelo governo ditatorial golpista e as condições de trabalho impostas pelo ritmo quase sempre opressivo da esteira fordista sobre o corpo do trabalhador. Outra questão interessante a ser discutida diz respeito ao depoimento de um trabalhador chamado Januário,

[...] emprego corria atrás dos trabalhadores, hoje não. Hoje o cara fica desempregado, ele vai ficá desempregado pelo menos uns três quatro anos, não tem emprego, não tem emprego! Não é que não existe emprego, aquele ponto de trabalho foi eliminado! Uma função que existia, por exemplo, pra montar um carro... dez pessoas... hoje o computador faz sozinho. Se vai na Volkswagen é brincadeira. Um dia desses... o dia que o Lula foi lá [...] eu falei: eu duvido se fazê uma greve com esse povo aí óh?! Que povo?! Só computador! (PEÕES, 2004).

A afirmação de Januário remete às transformações ocorridas no modo de produção industrial, nos países desenvolvidos, a partir da década de 1980, e às suas implicações, em seguida, em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil desde os anos 1990. Nesse período, os trabalhadores industriais e especializados, herdeiros do modelo fordista/taylorista de produção, foram fortemente reduzidos em seu conjunto, cedendo lugar à multifuncionalidade e à

polivalência do trabalhador toyotista. É interessante destacarmos que essa mudança cultural no modo de produção industrial, observada pelo depoente, foi possibilitada, em grande parte, pelos avanços tecnológicos incorporados ao universo industrial, os quais resultaram na flexibilização das leis trabalhistas e no enfraquecimento dos sindicatos. Deriva disso o enfraquecimento da capacidade de conscientização e de mobilização da classe trabalhadora pelos sindicatos.

6

Peões (2004) permite, ainda, entre outras tantas possibilidades, discutir os efeitos do ritmo, muitas vezes desumano, da esteira fordista sobre a saúde do trabalhador, com base em outro depoimento, nesse caso de uma trabalhadora chamada Conceição, sobre o trabalho executado por ela na Volkswagen.

Conceição: [...] trabalhei na linha de montagem pegando chicote. Porque é assim, conforme a linha corre, o senhor pega o chicote aqui, bate ele e joga ele pra trás e, assim, com essa mão joga ele pra cá. E torna pegar outro aqui na frente, bate e joga pra cá [...]. Então, quando eu dormia, eu fazia assim com os braços. Eu jogava os braços.

Coutinho: Dormindo?

Conceição: Dormindo [...]. Eu sonhava que eu estava na linha trabalhando, então eu ficava jogando os braços. Quando eu ia pegar a peça assim, tanto doía a tendinite quanto doía a hérnia cervical, porque eu não podia pegar peso, não podia esforçar. E eu fazia tudo isso, porque eles [seus superiores] alegavam assim que não tinham outro serviço que desse pra mim. Porque eu não tinha leitura. Eu não posso falar mal da Volkswagen porque hoje, graças a Deus, se eu tenho um salário para sustentar o meu filho, né? [...] Eu agradeço muito a ela com todos os problemas... a luta minha, que eu passei... (PEÕES, 2004).

O depoimento de Conceição expõe, por um lado, o caráter desumano do seu trabalho, que, em decorrência dos movimentos repetidos e rápidos, causaram-lhe lesões físicas e danos psicológicos. Por outro lado, mostra o seu perfil dócil e subserviente, o tipo de trabalhadora ideal para a empresa fordista/taylorista da época. Desta feita, a recusa em readaptá-la ao trabalho em outro setor, por ser analfabeta, expõe o caráter discriminatório e ideológico do modo de produção capitalista.

O *Diário de uma Babá* (2007) se propõe a uma análise antropológica bastante interessante sobre a relação entre patrões e babás. Expõe a realidade sobre o acesso ao mercado de trabalho para profissões consideradas “menos

nobres” dentro da sociedade capitalista, porquanto não se encontram atreladas a altos salários e à demanda abundante no mercado de trabalho.

É o caso de Annie Braddock, a protagonista da história contada pelo filme, recém-formada em antropologia. Ela é apaixonada pela profissão, mas sua mãe não vê futuro na profissão de antropólogo e quer que a filha seja diretora financeira: “O quê? Antropóloga? Como vai se sustentar? Filha se quiser andar vestida de havaiana, ganhe dinheiro e passe o Natal no Club Med” (O DIÁRIO, 2007). Sobre o aconselhamento da mãe de Annie, observa-se que, na sociedade atual, a felicidade é permanentemente compreendida como oriunda do que se pode consumir, e não do que se faz. Nessa lógica, as profissões são geralmente escolhidas pelo benefício financeiro que delas se pode extrair, e não pela aptidão ou satisfação em exercê-las.

Annie, porém, não cede aos apelos da mãe, pois não é apegada a dinheiro, quer simplesmente se realizar na profissão que escolheu. Embora queira e necessite trabalhar e não encontre emprego como antropóloga, ocorre de ser chamada para atuar como babá, após livrar um menino de ser atropelado no parque. O trabalho é aceito por Annie depois que a mãe do menino, uma rica socialite profundamente agradecida pelo gesto da antropóloga, convence-a a aceitá-lo.

Porém, o que parecia fácil à primeira vista logo se mostra ser uma tarefa infernal. O filme procura dar visibilidade ao trabalho doméstico por intermédio das reflexões de Annie sobre a alta sociedade nova-iorquina em sua relação com as babás dos filhos. Para tanto, a protagonista elege a família para quem trabalha como objeto de estudo, o que permite a visualização e a discussão sobre a categoria trabalho a partir dos temas: trabalho doméstico, subemprego e trabalho precarizado. As babás representadas no filme são visivelmente vulneráveis ao poder dos patrões. As trabalhadoras desempenham sua função sem contar com a assistência de direitos básicos – sobretudo as mulheres migrantes, submetidas à exploração do seu trabalho doméstico para sobreviver e pela sua própria condição de estrangeira em condição irregular nos Estados Unidos.

Assim é o trabalho de Annie, que mora no quatinho dos fundos do apartamento dos patrões. Contratada inicialmente como babá, começa logo a acumular outras tarefas, que vão sendo gradativamente impostas pela patroa. Annie

é uma babá do tipo C, conforme a categorização estabelecida pelas próprias babás: “[...] é a mais comum, trabalha 24 horas por dia para mulher que nem trabalha nem cuida de filho” (O DIÁRIO, 2007). Assim, após um longo dia de labuta, sua privacidade é constantemente violada pela patroa, que entra em seu quarto sem sequer bater na porta ou pedir licença e, com voz imperativa, dita uma lista de tarefas a serem feitas no outro dia. Seu dia de folga é constantemente esquecido ou adiado por motivos banais, pois a prioridade é a manutenção da vida confortável dos patrões.

Enquanto possibilidade de prática pedagógica, *O Diário de uma Babá* (2007) possibilita discussões sobre a cultura e o comportamento da alta sociedade nova-iorquina por meio das reflexões antropológicas de Annie Braddock. Tais reflexões permitem olhar a família alto-burguesa sob vários ângulos: nas relações entre pais e filhos, conjugal, profissional e entre patrões e empregados.

4 Considerações finais

Este trabalho buscou demonstrar as possibilidades de abordagem das questões relacionadas ao mundo trabalho, por meio do cinema como recurso pedagógico com potencial para ativar a experiência crítica dos sujeitos da classe trabalhadora, conduzindo-os individual e coletivamente a atitudes de transformação da realidade ao seu redor.

Observa-se, pois, por meio dos filmes analisados neste breve artigo, o enorme potencial do cinema para discutir o cotidiano das classes trabalhadoras e sua luta pela sobrevivência dentro e fora do ambiente de trabalho. O filme *Peões* (2004) dá visibilidade à exploração do capitalismo fordista sobre os trabalhadores da indústria metalúrgica do ABC, em São Paulo, dando subsídios para a discussão sobre os efeitos do trabalho repetitivo e cronometrado sobre a saúde dos trabalhadores. Permite ainda a discussão sobre o conceito de sindicalismo e sobre a transição do capitalismo fordista para o toyotista, contribuindo para que os estudantes compreendam como esta transição provocou desemprego e ausência estrutural de postos de trabalho.

O *Diário de uma Babá* (2007), por sua vez, expõe a desvalorização do trabalho doméstico e a posição da mulher na sociedade contemporânea, mostrando a exploração a que muitas ainda são submetidas. Essa produção contribui ainda, ao lado de outros filmes nacionais, tais como *Que horas ela volta?* (2015) e *Domésticas – o filme* (2001), para uma discussão sobre a efetivação da legislação trabalhista para as domésticas, sancionada em 2015, dado que muitas das estudantes EJA ocupam-se dessa profissão para sobreviver.

9

Referências

ALVES, Giovanni. **Tela Crítica:** a metodologia. Londrina: Práxis, 2010.

ALVES, Maria Adélia. **Filmes na escola:** uma abordagem sobre o uso de audiovisuais (vídeo, cinema e programas de TV) nas aulas de Sociologia do Ensino Médio. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2001.

O DIÁRIO de uma Babá. Direção: Shari Springer Berman e Robert Pulcini. Produção: Richard N. Gladstein e Dany Wolf. Estados Unidos: Imagem Filmes, 2007. 1 DVD (104 min).

BRASIL. **Decreto-Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014.** Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/113006.htm. Acesso em 14 jul. 2021.

PEÕES. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: João Moreira Salles e Maurício Andrade Ramos. Brasil: Vídeo Filmes, 2004. 1 DVD (85 min).

PRETO, Francisco de Moura. **O filme de ficção como recurso pedagógico no ensino da história:** montagem, endereçamento e estratégias de utilização. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2007.

ⁱ **Mario Cezar Alves Ferreira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7456-5173>
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Mestre em Ensino de Ciências Humanas Sociais e da Natureza pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Brasil. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas Sociais e da Natureza (PPGEN). Londrina/PR.

Contribuição de autoria: Único autor.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/988703589456256>.

E-mail: mariocezara@hotmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

10

Como citar este artigo (ABNT):

FERREIRA, Mario Cezar Alves; O mundo do trabalho no cinema: abordagens possíveis na EJA. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-10, 2021.